



15º SIMPÓSIO NACIONAL DE

GEOMORFOLOGIA

A IMPORTÂNCIA DO ESPAÇO VIVIDO NA COMPREENSÃO DOS CONTEÚDOS GEOMORFOLÓGICOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Lucas Santos Daniel¹

RESUMO

É indiscutível a importância da Geografia na educação básica, destacando a relação entre o espaço vivido e os conteúdos geomorfológicos. Entretanto, esta produção destaca as diversas questões presentes no ensino da Geografia Física, sobretudo nas questões geomorfológicas, as quais, muitas das vezes, são repassadas na educação básica de maneira técnica-teórica, sem criticidade e sem conexão com as relações sociais, culturais, econômicas e políticas. Nesse sentido, esta pesquisa ressalta a necessidade de integrar a Geomorfologia no ensino geográfico, partindo do espaço em que os alunos estão inseridos, visto que, nesse método de abordagem, o estudante poderá conhecer e analisar o espaço próximo a ele e reconhecer que é pertencente ao mesmo, além de distinguir os possíveis riscos que possam estar vulneráveis. Nesta pesquisa, tratou-se de rever produções didáticas e acadêmicas das quais se tratavam de Geomorfologia, educação geográfica, desastres naturais, riscos, ensino da Geomorfologia na educação básica e Geografia Física Crítica, chegou-se à conclusão de que o ensino da Geomorfologia deve partir da realidade do estudante. Além disso, é defendido neste trabalho a disseminação de uma Geografia Física Crítica (GFC), a qual deve buscar romper a dicotomia entre ser humano e ambiente natural, influenciando criticamente a formação do discente e na sua percepção de mundo.

Palavras-chave: Ensino da Geografia; Geomorfologia; Geografia Física Crítica (GFC)

INTRODUÇÃO

Desde de as primeiras formulações do pensamento geográfico diversos autores buscaram uma Geografia que estivesse inserida na realidade social, sobretudo no espaço. Nesse sentido, Alexandre Von Humboldt (1769-1859) entendia que o espaço era fundamental para compreender a Geografia Moderna, considerando não apenas sua dimensão física e geográfica, mas também as interações complexas entre os elementos naturais e humanos que o compõem. Sob esse conceito, Vitte e Silveira (2010) afirmam que só é possível compreender Humboldt ao colocarmos o espaço como ponto central da Geografia do autor.

Desse modo, entende-se que a Geografia deve estar inserida na realidade do ser humano, sobretudo, ao ensinar esta, os conceitos devem partir do cotidiano do discente. Posto isto, Piotr Kropotkin (1842-1921) em sua obra *“O que a Geografia deveria ser”* destaca que a tarefa do geógrafo é despertar na criança o desejo por aprender e compreender os fenômenos naturais.

¹ Graduando do Curso de licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro na Faculdade de Formação de Professores – UERJ/FFP, geo.lucasdaniel@gmail.com



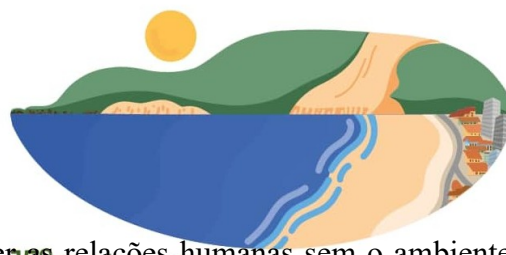
A Geomorfologia, ao ser ensinada na educação básica, pode despertar o interesse pelos fenômenos naturais, pois estuda as relações entre os elementos da superfície terrestre. No entanto, seu ensino ainda ocorre, muitas vezes, de forma técnica e desvinculada da Geografia Humana, o que dificulta sua conexão com o cotidiano dos alunos. Por isso, defendo uma abordagem que parta das vivências dos discentes. Com isso, Costa e Afonso (2022) ressaltam a importância de compreender as interações entre sociedade e natureza para refletir criticamente sobre os impactos humanos e os eventos naturais. Nesse mesmo sentido, Silva de Souza e Saraíva e Silva (2022) defendem uma aprendizagem significativa, em que os conteúdos possam ser aplicados socialmente pelos estudantes.

A partir disso, a Geomorfologia, desenvolvida por meio da Geografia na educação básica, deve entender que seu princípio deve estar fundamentado nas vivências dos alunos, visto que poderá ser aplicada no dia a dia dos mesmos. Nesse sentido, Oliveira, Amorim e Santos (2006) defendem que os conteúdos geomorfológicos devem ser práticos e que devem ocorrer pelas redondezas da escola. Além disso, os autores enfatizam a necessidade de o discente conhecer o espaço no qual a escola está inserida.

Sob esse entendimento, neste artigo o destaque será dado à importância do espaço vivido como objeto de estudo tanto da Geomorfologia quanto da Geografia, as quais devem estar preocupadas com as interações entre a sociedade e a natureza, processo que é fundamental para compreendermos as modificações que ocorrem na superfície terrestre, visto que isto afeta tanto fatores físicos e sociais.

Com isso, destaco Afonso e Armond (2009), que defendem uma Geografia com postura crítica, capaz de levar o ser humano a compreender as consequências de suas ações sobre a natureza. Esse modelo amplia a percepção do papel do estudo ambiental, promovendo uma abordagem mais integrada dos desafios socioambientais. Para tanto, é essencial que o ensino geográfico incorpore essa criticidade, por meio da Geografia Física Crítica (GFC), que, segundo Santiago (2021), estimula os estudantes a se reconhecerem como parte ativa do corpo social.

Por conseguinte, a Geomorfologia Crítica, sendo também um ramo da GFC, deve ser uma coluna fundamental para que seja fortalecido o rompimento da dicotomia existente entre as intituladas Geografia Física e Geografia Humana. Dessa forma, Santiago (2021) afirma que a Geografia escolar deve adotar maneiras de superar esta dicotomia, visto que é impossível estudar o espaço físico sem os efeitos antrópicos neles,



assim como não é possível compreender as relações humanas sem o ambiente natural, pois ambos estão interligados e são interdependentes.

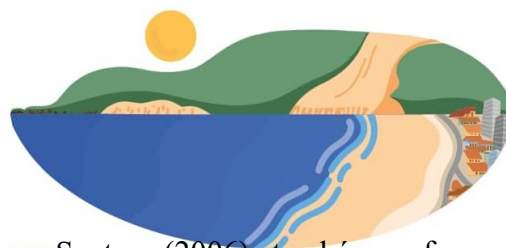
Desse modo, a metodologia desta pesquisa é centrada no método qualitativo de análise, com uma abordagem bibliográfica focada em temas como Geomorfologia, educação geográfica, desastres naturais e riscos, e ensino da Geografia Física Crítica. A pesquisa revisou produções acadêmicas e didáticas relevantes, com base em autores como Santiago (2021), Oliveira, Amorim e Santos (2006), Afonso (2015), Daniel (2025) e outros, para fundamentar as discussões e alcançar conclusões sobre a aplicação crítica dos conteúdos geomorfológicos na educação geográfica.

A partir dessa análise, foi possível identificar as lacunas existentes no ensino da Geomorfologia, especialmente na educação básica, e a necessidade de tratar questões de vulnerabilidade e riscos de desastres naturais de forma crítica. A pesquisa também reforça a importância de integrar a Geografia Física e Humana, superando a fragmentação entre essas áreas. A proposta final é que o ensino de Geomorfologia na educação básica se fundamente no espaço vivido do aluno, rompendo com abordagens técnicas e teóricas, promovendo uma compreensão mais próxima da realidade cotidiana dos estudantes.

ENSINO DA GEOMORFOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

A Geomorfologia, enquanto disciplina, é vista nos cursos universitários sendo um conteúdo estudado pelas Ciências da Terra, como Geografia (bacharelado e licenciatura), Geologia, Engenharia, entre outros. Embora esteja presente no curso de Licenciatura em Geografia - o qual objetiva formar profissionais que repassem os conteúdos geográficos - destaca-se que, na educação básica, essa disciplina não é exposta de maneira clara, o que é algo prejudicial a formação do estudante, visto que, segundo Silva *et al.* (2022, 37-38), o ensino do relevo é um procedimento didático necessário, “pois faz com que os indivíduos compreendam pontos que perpassam desde assuntos relacionados a fenômenos naturais como também paisagísticos”.

Embora, de maneira evidente, a disciplina Geomorfologia não seja vista com tanta ênfase na educação básica, torna-se válido ressaltar que o pouco que é vista apresenta questões a serem ressaltadas, dentre elas a fragmentação presente nos livros didáticos. Sob esse entendimento, Ascensão e Valadão (2016) refletem que os conceitos geomorfológicos se encontram presentes nas instituições de ensino brasileiras desde 1800, mesmo que estejam estruturadas em pequenas variações.



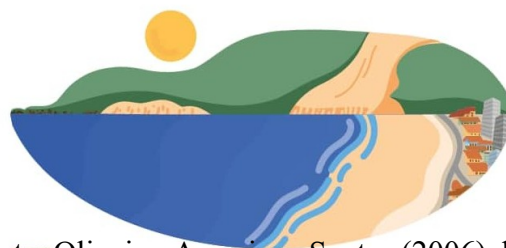
Posto isto, Oliveira, Amorim e Santos (2006) também reforçam que a fragmentação é um dos escancarados problemas existentes na Geografia, e que influencia fortemente a Geomorfologia. Assim, os autores enfatizam que os materiais referentes a estas áreas do conhecimento dicotomizam os conteúdos relacionados ao estudo do ser humano e os aspectos físico-naturais do planeta, deixando de desenvolver, didaticamente, a integração entre ambos produtos.

Nesse sentido, a Geomorfologia exerce papel fundamental na sociedade, assim como a sociedade exerce influência sobre os aspectos geomorfológicos. Isso ocorre, uma vez que a relação entre o ser humano e natureza acontece o tempo todo, em que ambos compõem e tem suas origens no mesmo espaço, isto é, o ambiente natural.

Sendo assim, a Geomorfologia, enquanto conteúdo, busca estudar a superfície terrestre, e tudo que é formado nela de maneira natural, sendo um exemplo os movimentos das placas litosféricas, as quais dão origem a cadeias montanhosas e soerguimento de relevos. Desse modo, Ascensão e Valadão (2016) destacam que no Brasil os conteúdos geomorfológicos são envoltos por questões como riscos naturais, sendo os movimentos de massa, a erosão hídrica e as inundações os centros desse estudo. Nesse sentido, de acordo com Bragança (2023), a abordagem desse tema deve ser prioridade nas escolas, especialmente considerando a crescente frequência e o impacto destrutivo dos eventos naturais nos últimos anos.

De acordo com essa análise, torna-se evidente a riqueza da geomorfologia brasileira e a necessidade de uma disseminação mais ampla desse conhecimento. No entanto, é fundamental que os conceitos geomorfológicos, tratados de maneira crítica, sejam mais sólidos na educação básica, visto que isso pode estimular o aluno a desenvolver interesse pela formação geográfica em diversas escalas, além de permitir que este venha reconhecer e entender os riscos naturais aos quais estamos suscetíveis.

Com isso, contribuir com a defesa da inserção do estudo geomorfológico na Educação Básica é necessário, pois, segundo Souza (2021), a convivência entre a sociedade e os eventos extremos estão se tornando cada vez mais contínuos e, devido a isso, o número de pessoas em vulnerabilidade tem aumentado, visto que, se tratando de áreas urbanas, muitos cidadãos estão localizados em áreas de riscos. Além disso, a autora reflete que trazer esses conceitos para a educação escolar é fundamental para que os estudantes possam compreender e diagnosticar se estão inseridos em áreas que são suscetíveis a riscos.



De maneira tênue a este pensamento, Oliveira, Amorim e Santos (2006) defendem que a Geomorfologia, no ensino escolar, deve-se fazer presente. Sendo assim, os autores abordam que a Geografia, enquanto disciplina, deve abordar conteúdos geomorfológicos. Assim, compartilho da visão de Oliveira, Amorim e Santos (2006) ao destacarem que a abordagem transversal da Geomorfologia possibilita aos alunos uma compreensão holística dos componentes naturais e sociais do espaço geográfico.

Como resultado, entende-se que a Geomorfologia e o ser humano estão em contato o tempo todo. Isso torna-se perceptível quando nos dedicamos em observar o nosso redor, em que notamos a paisagem e as modificações antrópicas sobre elas. Sendo assim, compreende-se que a Geomorfologia não deve ser fluida ou fragmentada na educação básica, visto que esta permite a compreensão do estudante sobre a geografia que o cerca. Assim, através desta interação, torna-se evidente a interdependência entre ambos, revelando a indispensabilidade dos conteúdos geomorfológicos desde os anos iniciais.

RISCOS GEOMORFOLÓGICOS APLICADOS A SOCIEDADE

Os desastres naturais têm sido um tema de crescente repercussão no cotidiano social, até mesmo no dia a dia de pessoas que não se encontram vulneráveis a riscos. Desastres naturais incluem não apenas fenômenos de grande escala, mas também processos mais localizados, como deslizamentos, inundações, subsidências e erosão, os quais podem ocorrer de forma natural ou ser induzidos pelas atividades humanas (Tominaga, Santoro e Amaral, 2009).

Com isso, compreende-se que, no Brasil, muitos desastres ocorrem. Sob esse pensamento, Kobiyama *et al.* (2006) disserta que os prejuízos causados por estes têm ocorrido de maneira mais aguda. Assim, entende-se que existe a necessidade de compreender o que é um desastre natural e o que são riscos geomorfológicos, visto que ambos tendem a fazer parte da realidade do cidadão brasileiro.

Além disso, o autor destaca que os desastres naturais, muitas vezes, decorrem da relação entre o ser humano e a natureza. Nesse sentido, Kobiyama *et al.* (2006, p. 1) afirmam que “[...] desastres naturais resultam das tentativas humanas em dominar a natureza, que, em sua maioria, acabam derrotadas”. Por isso, é essencial disseminar os conceitos relacionados a desastres naturais, permitindo que a sociedade compreenda os riscos e possa minimizá-los.



Na educação básica, compreender os riscos geomorfológicos vai além do domínio técnico-científico; exige também uma abordagem crítica (Daniel e Lopez, 2024; Nascimento *et al.*, 2024). Trata-se de promover uma Geomorfologia Crítica, voltada à compreensão de como a sociedade enfrenta tais riscos. Afonso (2015) reforça que conhecer os processos naturais é essencial para que as pessoas identifiquem situações de vulnerabilidade e reconheçam a escala dos possíveis impactos.

Assim, torna-se compreensível que a geomorfologia venha incluir em seu estudo a relação entre o meio natural e social. Dessa forma, as áreas de risco resultam da interação entre meio natural e meio social, pois, embora a natureza imponha limitações, é a ocupação humana em áreas suscetíveis que intensifica o surgimento dos riscos (Reckziegel e Robaina, 2005).

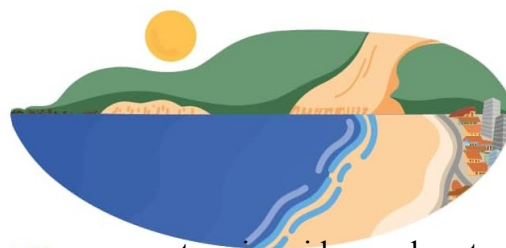
Dessa maneira, Alvalá e Barbieri (2017) refletem que os desastres característicos da região continental brasileira estão associados a fatores geodinâmicos, hidrometeorológicos e climáticos, sendo também e inundações, enxurradas, alagamentos e deslizamentos outros riscos de maior incidência. Assim, compreende-se que o estudo geográfico, sobretudo o científico, deve expandir os conhecimentos relacionados a esses eixos, visto que afetam grande parcela da sociedade.

De maneira análoga, Kobiyama *et al.* (2006) entende que a universidade tem o papel de fornecer contribuições a respeito dos mecanismos dos desastres naturais, diagnosticando, modelando e monitorando. Ainda, este afirma que “estas informações devem ser repassadas à sociedade, que, de forma organizada, deve agir para minimizar os danos provocados pelos desastres” (Kobiyama *et al.*, 2006, p. 4).

Assim, entende-se que a Geomorfologia, aplicada à sociedade por meio da educação básica, deve ter interação com o cotidiano estudante, ou seja, deve fazer parte e aplicada no dia a dia do discente (Daniel e Lopez, 2024). Caso isso não ocorra, a ciência geomorfológica continuará tratando-se de um saber técnico-científico-teórico, o qual será desenvolvido para fins acadêmicos e não sociais, de modo segregar a população da ciência e impedir que possam entender sobre suas possíveis vulnerabilidades gerados por riscos geomorfológicos e desastres naturais.

GEOMORFOLOGIA DO ESPAÇO VIVIDO

O Ser humano, desde os primórdios do tempo, utiliza a natureza para sua evolução. Devido a isso, Santos e Vital (2020) refletem que o homem sempre prezou por



entender as dinâmicas da paisagem do lugar em que estava inserido, sendo esta a camada superficial da Terra, que possui formas variadas e diferentes produtos que a compõem.

Nesse sentido, concordo com Afonso (2015), que salienta a importância do conhecimento dos processos naturais pela sociedade para o entendimento dos riscos geomorfológicos e das possíveis perdas associadas. Sendo assim, destaca-se a importância da compreensão do espaço habitado, em que as sociedades se tornam capazes de analisar, interpretar e entender as dinâmicas das paisagens as quais estão respectivamente inseridas. Além disso, a autora ressalta que esse conhecimento é essencial para que a população possa reconhecer sua vulnerabilidade e a escala dos possíveis eventos extremos que possam atingi-los.

A esse respeito, enfatiza-se o papel do estudo geomorfológico, o qual é centrado no entendimento da formação dos elementos que constituem a superfície terrestre, sendo estudos estruturais ou/e climáticos. Desse modo, a Geomorfologia se apresenta como uma ciência relevante, pois, ao estudar as formas do relevo e sua evolução, oferece subsídios essenciais para o planejamento ambiental, urbano e regional (Santos e Vital, 2020).

Desse modo, pode-se entender que o estudo geomorfológico, aplicado na educação básica, deve partir de um entendimento do espaço vivido, assim, de certa maneira, levando os alunos a analisar, interpretar e entender as dinâmicas que os cercam. Sendo assim, concordo com Oliveira, Amorim e Santos (2006) ao afirmarem que a abordagem transversal dos conteúdos de Geomorfologia permite aos discentes uma compreensão integrada dos elementos naturais e sociais do espaço geográfico, valorizando ambos de forma equitativa e aproximando a Geografia Física da realidade cotidiana dos alunos.

A Geomorfologia, enquanto ciência, deve ultrapassar os limites acadêmicos, assumindo um papel social ao considerar as interações entre sociedade e natureza (Daniel e Lopez, 2024). Afonso (2015) e Daniel (2025) defendem que o ensino das dinâmicas naturais deve partir da realidade dos estudantes e de problemas socioambientais do seu entorno, tornando a aprendizagem mais significativa. Assim, a Geografia Física deve articular seus conteúdos ao cotidiano dos alunos, estimulando a consciência ambiental, o engajamento social e a formação de cidadãos comprometidos com a transformação dos espaços e a sustentabilidade (Afonso, 2017; Daniel e Lopez, 2024; Daniel, 2025).

Portanto, o estudo de prevenção de riscos, os quais podem ser promovidos por desastres naturais ou eventos extremos, fazem parte da Geomorfologia Crítica, que deve



ser disseminada à sociedade. Nesse sentido, Santos e Vital (2020) entendem que o risco geomorfológico envolve uma abordagem geográfica integrada, que considera não apenas os aspectos físicos do relevo, mas também sua relação com as ações humanas, evidenciando a influência mútua entre natureza e sociedade.

A relação entre ambiente natural e sociedade é mútua e integrada, manifestando-se em aspectos como economia, cultura e lazer. Por isso, a Geomorfologia deve ser estudada a partir do espaço vivido pelos estudantes. Sala (2015) afirma que as formas geomorfológicas, mesmo reconhecidas pelo senso comum, integram a identidade e a memória de um povo, sendo essenciais à adaptação humana. Assim, uma Geomorfologia Crítica, ancorada no cotidiano dos discentes, pode facilitar a compreensão das dinâmicas da paisagem e das interações humanas com o meio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatou-se, por meio desta produção, a primordialidade que a Geografia tem na sociedade e que suas contribuições são fundamentais para o entendimento da formação tanto do espaço quanto do corpo que nele habita. Nesse sentido, tratando dos conteúdos geomorfológicos, é destacado que a Geografia Física, enquanto ciência que estuda os processos físico-naturais e seus respectivos impactos no ambiente terrestre, deve ser abordada de maneira crítica na educação básica.

Desse modo, ressaltamos nesta produção a essencialidade que a Geografia Física Crítica (GFC), que busca romper a dicotomia entre ser humano e ambiente natural, exerce na formação do discente e na sua percepção de mundo. Além disso, afirmamos que a Geomorfologia, aplicada a partir da realidade do aluno, tendo seu princípio no espaço vivido por ele, como escola e local onde mora, deve estar presente de maneira abundante nos currículos pedagógicos da Geografia. Acreditamos que, a partir desse método de ensino, o estudante poderá conhecer e analisar o espaço próximo a ele e reconhecer que é pertencente ao mesmo.

Posto isto, o conteúdo geomorfológico, partindo desta metodologia, poderá contribuir para que os estudantes venham reconhecer os possíveis riscos que possam estar vulneráveis. Ainda, conclui-se que compreender esses riscos trata-se de também desenvolver um olhar crítico, o qual está centrado em preparar a sociedade para enfrentar os desastres naturais, desenvolvendo resiliência frente aos eventos extremos e aos possíveis danos causados por estes.



Referências Bibliográficas

AFONSO, A. E. Contribuições da Geografia Física para o ensino e aprendizagem geográfica na educação básica. **Revista Eletrônica Educação Geográfica em Foco**. Ano 1, Nº1, jan/jul 2017.

AFONSO, A. E. Geografia da Natureza no ensino de Geografia: propostas para a educação ambiental e preventiva de riscos naturais. **Revista GIRAMUNDO**, Rio de Janeiro, V. 2, N. 4, P.83-93, JUL./DEZ. 2015

AFONSO, A. E.; ARMOND. N. B. Reflexões sobre o ensino de geografia física no ensino fundamental e médio: breve histórico da cisão e da reaproximação. 10º ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA- ENPEG, 2009, Porto Alegre.

ALVALÁ, R. C. S.; BARBIERI, A. F. **Desastres naturais**. In: NOBRE, C. A.; MARENGO, J. A. (org.). Mudanças climáticas em rede: um olhar interdisciplinar. São José dos Campos, SP: Inpe, 2017. v. 1, p. 203-230.

ASCENÇÃO, V. O. R; VALADÃO, R. C. **Tendências contemporâneas na aplicação do conhecimento geomorfológico na Educação Básica: a escala sob perspectiva**. Espaço Aberto, v. 6, n. 1, p. 191-208, 2016.

BRAGANÇA, C. B. **A importância da educação preventiva de riscos naturais no ensino de geografia na educação básica: Estudo de caso, a cidade de Niterói (RJ)**. 2023. 128f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023.

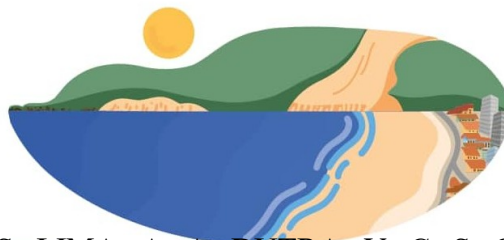
COSTA, D. S. G.; AFONSO, A. E. O antropoceno e a covid-19: Geografia e prevenção de riscos naturais na Educação Básica. In: SACRAMENTO, A. C. R.; SIMAS, D. C. V. (org.) **Temas sobre a Covid-19 para o ensino de Geografia 2**. Goiânia : C&A Alfa Comunicação, 2022. p. 172-185.

DANIEL, L. S. **O ensino da Geografia Física a partir da realidade vivida pelo estudante**. In: PACHECO, J. T. R; PACHECO, M. Z. (org.). A Geografia: compreendendo as interações naturais e sociais na transformação do espaço terrestre. Ponta Grossa: Atena, 2025. p. 1-14.

DANIEL, L. S.; LOPEZ, G. G. S. Ensino da Geografia para redução dos impactos da urbanização desordenada: o caso de São Gonçalo (RJ). In: VIII Congresso Brasileiro de Geógrafos e Geógrafas, 2024, São Paulo. **Anais...** São Paulo: 2024.

KOBIYAMA, M. et al. **Prevenção de desastres naturais: conceitos básicos**. Curitiba: Organic Trading, 2006. 109p.

KROPOTKIN, P. Lo que la Geografia debe ser. In: MENDOZA, J.; JIMÉNEZ, J. e CANTERO, N. (Org.). El pensamiento geográfico - estudio interpretativo y antologia de textos. Madri: **Alianza Ed.**, 1982 (1885), p. 227-240.



NASCIMENTO, G. C.; DANIEL, L. S.; LIMA, A. A.; DUTRA, V. C. S. Chuvas e educação geográfica: prevenção de risco e conscientização ambiental na educação básica. *In: VIII Congresso Brasileiro de Geógrafos e Geógrafas*, 2024, São Paulo. **Anais...** São Paulo: 2024.

OLIVEIRA, R. M, AMORIM, R. R, SANTOS, M. C. F. **Geomorfologia no ensino de geografia na educação básica**. Simpósio nacional de geomorfologia. Goiânia-GO, set, 2006.

RECKZIEGEL, B.W.; ROBAINA, L.E.S. Riscos geológico-geomorfológicos: revisão conceitual. **Ciência e Natura**, UFSM, 2005, Volume 27, Páginas 65-83.

SALA, M. E. Crise ou reinvenção? o ensino de geomorfologia na educação básica. *In: Simpósio Nacional de Pesquisa em Educação*, 4., 2015, Minas Gerais. **Anais...** Rio de Janeiro, 2015. P. 1-13.

SANTIAGO, I. T. A. A Geografia física crítica como estratégia pedagógica para a inclusão escolar. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, – Salvador, p. 148. 2021.

SANTOS, A. D; VITAL, S. R. Riscos Geomorfológicos No Município De Caicó-RN. **Revista Brasileira de Geografia Física**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 434–448, 2020. DOI: 10.26848/rbgf.v13.2.p434-448.

SILVA DE SOUSA, A.; SARAÍVA E SILVA, J. A teoria da aprendizagem significativa no ensino de geografia: uma abordagem das pesquisas no brasil. **Revista Signos Geográficos**, [S. l.], v. 3, p. 1–23, 2022.

SILVA, R. C. F.; PEREIRA, J. C. C.; DA SILVA, G. L.; DE OLIVEIRA, L. H. S.; SILVA, E. S.; SILVA, H. P. B. **A importância da didática para o processo de ensino-aprendizagem na geografia: um destaque para o ensino de geomorfologia**. *In: DA SILVA, F. P.; BARRA, O. A. O. L.; PACHECO, C. S. G. R. P. (org.) Novas dimensões da geografia: ensino, práticas e pesquisas*, Campina Grande : Editora Amplla, 2022. p. 35-42.

SOUZA, J. M. **A difusão da educação em Riscos Ambientais: Reflexões e ações nos referenciais curriculares de Niterói**. Tese de doutorado, Universidade Federal Fluminense, Instituto de Geociências, Departamento de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Niterói, p. 218, 2021.

TOMINAGA, L.K.; SANTORO, J.; AMARAL, R. (Orgs). **Desastres naturais: conhecer para prevenir**. São Paulo: Instituto Geológico, 2009, 196 p.

VITTE, A. C.; SILVEIRA, R. W. D. Considerações sobre os conceitos de natureza, espaço e morfologia em Alexander von Humboldt e a gênese da geografia física moderna. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro, v.17, n.3, jul-set. 2010, p.607-626.